

AJ00753

A TRIBUNA

2º Caderno
Não pode ser vendido separadamente

Vitória,
sexta-feira, 29 de julho de 1977



COSTA PEREIRA:

Três épocas de uma praça

Grande parte da atual cidade de Vitória foi conquistada ao mar.

A Praça Costa Pereira era uma praia onde desembocava um riacho que desce até os dias de hoje por baixo da rua Sete de Setembro.

Durante muitos anos, o local foi conhecido como Largo da Conceição, por existir ali uma igreja dedicada à N. S. da Conceição.

No final do século passado, com a demolição da igreja e a construção do Teatro Melpômene, o lugar passou a ser chamado Largo do Teatro.

Em 1922, o então Presidente do Estado, Nestor Gomes, inaugurou um monumento em homenagem ao Centenário do "Grito do Ipiranga" e o Largo passou a se denominar Praça da Independência. Em suas linhas gerais, a praça adquiriu sua atual feição no governo Florentino Avidos, quando foram gastos em demolições e desapropriações cerca de 156 contos de réis, considerável quantia para a época.

Hoje, a Costa Pereira vive momentos críticos pois, ao contrário de outros tempos, senhoras e senhores atravessam o local apressados ou simplesmente o evitam. Isto, para alguns, é sinal de que Vitória já não é a mesma de outrora. Para outros, mais pessimistas, a decadência da praça é uma amostra grátis de que a "cidade presépio" encontra-se à beira do precipício.

José Domingos Balbi é um dos proprietários da "Merceria Fluminense", o local mais antigo do centro de Vitória. Em meio os odores de frutas e verduras, velhos fregueses se encontram para recordar uma época sepultada pelo asfalto: o Teatro Melpômene, o Cine Politeama, o "Café Elite", o "Bar Avenida", os bondes e o "footting" da Praça Costa Pereira.

Enquanto atende uma antiga cliente, José Domingos faz um desenho numa folha de papel, mostrando como era a Praça Costa Pereira dos anos 20 e 30.

"Eu era garoto, diz ele, nascido na Ladeira da Pedra, hoje chamada Escadaria S. Bento. Íamos — eu e um bando de meninos — para a praça brincar de roda, de pique, jogar pião, além de outras brincadeiras. Na parte central havia uma fonte luminosa, enorme e colorida. De vez em quando surgiam bandas de música — retetas — para alegrar o ambiente. Os que desfilavam por aqui pertenciam à alta sociedade. Existia até mesmo um código rígido na "belle époque": os homens rodavam da direita para a esquerda e as mulheres em sentido contrário. Ninguém se atrevia a assoviar ou dizer gracinhas. Apenas trocas de olhares, às vezes disfarçados porque os familiares andavam "colados" com as filhas ditas casadoiras".

O comerciante explica a mudança do ambiente: "Alguns anos depois, foram surgindo os bairros, a cidade foi crescendo, as pessoas se dispersando. Também apareceram os clubes suburbanos, além de outros atrativos fora do centro, afastando muitos frequentadores".

"Há vinte e cinco anos, continua José Domingos, os bondes circulavam até às 10h e 40m. Depois desse horário, o movimento cessava".

O naufrágio dos deuses

Praça Costa Pereira 77: rostos empoados, roupas apertadas, os bandos de andorinhas; um ônibus parado, brigas por causa de troco, passageiros, a viagem interrompida; uma tacada, uma tragada, uma mesa caída, as cinzas dos bares emborcados pela última vez; adolescentes delicados, perucas nos canteiros, cílios e pessoas postiças, beijos na frente sem horizonte, o afresco hiper-realista do final de tudo; velhas fecham os olhos, caminhando lembrando de antigos esplendores; homens se escondem dentro de um jornal qualquer para não enxergarem os bancos e os brincos em volta; decaídas surgem e somem no meio dos concurren-

tes embutidos de mulher; sobranceiras arqueadas, rugas mal escondidas, os vômitos da "galeria do Palácio do Café", o delírio e o declínio de uma cidade;

os vidros embaçados do teatro, os lamentos envergonhados de falecidos líricos, a ópera bufa; o circo e o cerco das noites capixabas; a madrugada travestida de dançarina; de "cidade presépio" à Veneza bíblica, Vitória estertora em volta da neo-chanchada denominada "Praça Costa Pereira"; enquanto lanchonetes e farmácias contam a féria da noite, os centauros do Apocalipse surgem graciosos da Graciano Neves para o mundo.

NOS TEMPOS D'ANTANHO

Outro proprietário da mercearia, Carlos Alberto Balbi, recorda que "a primeira fonte era bastante bonita, mas molhava os frequentadores sentados nos bancos. Eles então se afastavam, procurando melhor acomodação. A praça, no início, era de chão duro. Só depois é que foi cimentada".

Segundo Carlos Alberto, já naquela época, por incrível que possa parecer, o popular Otinho circulava com seus embrulhos, à espera do futuro. Outros tipos de rua também perturbavam: "Grapuá", um mendigo que se constituía em atração para os meninos vadios; "Galo Velho", uma figura estranha, sempre de tamancos e vendendo limão; e a folclórica "Rainha das Flores".

"O Teatro Carlos Gomes funcionava como cinema, exibindo filmes em preto-e-branco e seriados. Onde há atualmente o edifício do INPS, localizava-se uma cancha de basquete, onde eram disputadas partidas entre o Álvares, o Clube Vitória e o Saldanha. Existia também o "bagageiro", um bonde todo fechado, que só era usado para carregar mercadorias, cargas e compras de grandes proporções vindas do mercado. Aos sábados, domingos e feriados, a Praça Costa Pereira era um colosso, quando ainda resplandeciam a "Sorveteria Pinguim", a moda de passear antes da ida ao cinema, dar "uma voltinha, sem compromisso", complementa Carlos Alberto.

OS DIAS DE NATAL

Um dos jornalistas mais conhecidos de Vitória, Natal instalou sua banca na Praça Costa Pereira em 1967. Ele relembra como era o local até final da década de 60: "Aqui, a tranquilidade, o silêncio e a educação impera-

vam. Casais de namorados desfilavam, quietos, de mãos dadas. Houve um período há alguns anos no qual os engraxates possuíam carteirinhas, o que ajudava muito aos frequentadores, em todos os sentidos. Mas foi por pouco tempo".

Natal silencia por alguns instantes para atender a uma freguesa. Depois volta a falar: "Ainda existia o Banco Hipotecário, que ficava em frente ao "Cine Glória". Depois colocaram uma escultura esquisita no lugar, parecendo até coisa de filme de ficção-científica. Ao lado do Banco localizava-se o "Beco da Miséria" (quem não se lembra?), um logradouro escuro e sinistro em pleno centro da cidade. Quem não viu e só ouviu falar, pensa que foi invenção de alguém".

Novamente o jornalista sai para vender uma revista. De retorno, ele se entusiasma: "Era uma multidão inacreditável desfilando na praça ao anoitecer. Uma coisa fantástica, indescritível. Centenas de pessoas, de idades variáveis, principalmente aos sábados e domingos, faziam disto aqui uma verdadeira passarela, uma roda viva da "paquera". É claro que os circos e os parques-de-diversões esporadicamente instalados na Esplanada Capixaba atraíam os suburbanos para o centro da cidade. Então, o lazer do final de semana complementava-se nos bancos da praça, ao lado das palmeiras, nos reflexos do lagozinho. Para ilustrar aquele período posso dar um exemplo: uma pessoa — formiga no meio da multidão de desfilantes — demorava quase uma hora para contornar a praça. Enfim, muitos até mesmo riem ou se espantam ao recordar daquela época marcante na vida de Vitória".

Natal conta ainda que, com o deslocamento dos parques-de-diversões e "circos de cavalinhos" para os bairros, os suburbanos sumiram de vez das avenidas centrais. A televisão também ajudou, segundo ele, a "segurar" as pessoas em casa. Depois, com a extinção da

"ciranda de desfilantes" da Costa Pereira, surgiram as prostitutas. O local passou, então por uma era de "trottoir" feminino incessante, "assustando as famílias e as crianças".

"Após esse período curto, porém grotesco, continua Natal, foi aparecendo — tímida, mas desvairadamente — a geração "gay". Creio que começou no ano de 1972. Foram surgindo não se sabe de onde, sem pedir licença, sentando nos bancos, assustando os transeuntes. Agora, de dia os engraxates e meninos vadios perturbam o ambiente. E, à noite, ninguém mais passeia despreocupado, sem compromisso como antes. Depois do expediente, apenas os homens procuram a banca de revistas para fazer compras. As mulheres, devido ao ambiente um tanto ou quando "tresloucado" ficam com receio".

Quanto aos arredores da praça, Natal informa que os frequentadores do extinto "Bar do Álvaro" transladaram-se para a galeria do edifício Martinho de Freitas, onde se aglomeram diversos botecos.

Além disso, surgiram novos estabelecimentos comerciais nas proximidades como a "Lanchonete Canaã", o "bar do Gastão", uma casa de "sucos de frutas", a "Farmácia Espírito Santo", e o popular "Bar Sujeira", ao lado da Escelsa, que apesar de pouco frequentado, insiste em existir.

A PRAÇA SEGUNDO MANÉ DIABO

Manoel Silva Nunes, economista e boêmio, reside na rua Sete de Setembro. Conhecido como "Mané Diabo", Manoel Silva talvez seja o maior frequentador da Costa Pereira em todos os tempos. E ele, possuidor de bastante cultura humanística, analisa a decadência da praça: "Pode-se dividir a existência da Costa Pereira em três etapas. A primeira, que durou até o final da década de 50: a era do desfile da alta sociedade, o "footting" dos magnatas. A segunda, terminada nos anos 70: o tempo do "trottoir", das prostitutas que construíram uma ponte imaginária entre a "Lanchonete Rio Doce" e a rua Sete. Esta segunda etapa abrange também a época da multidão de domésticas e suburbanos que transformaram isto aqui num carrossel, numa "ciranda dos namoradores". E o terceiro e último estágio: o que estamos vivendo hoje, o do "gay power caipira".

Para Manoel Nunes, a era das "domésticas e galãs suburbanos existiu devido ao fato de que as famílias podiam se dar ao luxo de terem duas ou mais empregadas. Então, à falta do que fazer, elas circulavam na Costa Pereira. Foi a época maravilhosa das "donas de casa". Depois, as domésticas foram atraídas pelo Rio de Janeiro e São Paulo, extinguindo assim a "ciranda dos namoradores".

Finalizando sua análise, o filósofo "Mané Diabo" faz ironia: "Uma cidade provinciana, atrasada e pequena como Vitória, possui em sua praça principal uma escultura denominada "A Mãe" avançadíssima, de vanguarda, só concebível em metrópoles altamente civilizadas".



O descanso dos aposentados, o brilho da estátua, a descontração e a escultura moderna: aspectos da praça decadente, mas sempre agradável.